

# *A relevância da noção de perspectivização conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise*

The relevance of the notion of construal for textual linguistics and  
discourse studies: theory and analysis

*Paulo Roberto Gonçalves-Segundo*

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

**Resumo:** Objetiva-se, neste artigo, por um lado, discutir teoricamente a noção de perspectivização conceptual e sua tipologia de operações e, por outro, mostrar sua aplicabilidade e pertinência para a análise de dados linguísticos orientados para o exame dos processos de produção e, especialmente, de interpretação do sentido no âmbito dos estudos discursivo-textuais. Para isso, expor-se-ão pressupostos teóricos das abordagens corporeadas de cognição e, posteriormente, noções fundamentais da Linguística Cognitiva relevantes para a textualidade, para somente então serem debatidas, com exemplificação analítica, variadas operações de perspectivização conceptual, como esquematização, metaforização, categorização, focalização, quadro de visualização, granularidade e proximização.

**Palavras-chave:** Perspetivação conceptual. Estudos Discursivos. Linguística Textual. Linguística Cognitiva. Corporeamento.

**Abstract:** We aim, in this paper, both to discuss the notion of construal and its typology of operations and to show its applicability and pertinence for linguistic data analysis in terms of the processes of meaning production and, especially, interpretation in the field of discourse and textual studies. In order to do so, we will, first, expose some of the theoretical grounds of the embodied approaches to cognition and, afterwards, present the main assumptions of Cognitive Linguistics relevant to textuality. Only then we will debate, based on analytical exemplification, the various construal operations, such as schematization, metaphorization, categorization, focalization, viewing arrangement, granularity and proximization.

**Keywords:** Construal. Discourse Studies. Textual Linguistics. Cognitive Linguistics. Embodiment.

## Introdução

Os estudos discursivos evoluíram, na academia, em estreita ligação com a Linguística, a Sociologia e a História. Assentados nos condicionamentos sócio-históricos do uso da linguagem ligado à dimensão do poder — e, portanto, da ideologia e dos processos hegemônicos —, as pesquisas ligadas a esse campo ignoraram, por um longo período, o desenvolvimento das Ciências Cognitivas de modo geral, desprezando características da biologia humana e de sua importância no que tange ao comportamento verbal.

Contemporaneamente, entretanto, os saberes sobre as capacidades e os processos cognitivos humanos — e suas possíveis intersecções, interfaces e/ou integrações com a percepção, a ação e a emoção — vêm se avolumando e sendo incorporados a outros campos do conhecimento, dentre os quais a Linguística e, através dela, a Análise do Discurso, tanto francesa (PAVEAU, 2013; MORAIS, 2015) quanto crítica (CHILTON, 2004; 2005; HART, 2014; GONÇALVES SEGUNDO, 2014, 2015; VAN DIJK, 2003, 2014).

Embora partam de visões sobre cognição, linguagem e discurso não necessariamente convergentes, tais pesquisadores — dentre outros não citados aqui, mas mencionados posteriormente — partilham o reconhecimento da necessidade de se refletir acerca do estatuto cognitivo do ser humano imerso em um ambiente sócio-histórico e da maneira pela qual os processos cognitivos são recrutados e ativados pela linguagem, sendo, portanto, concomitantemente fonte de coerção e de agência humana.

O objetivo deste texto é apresentar o potencial da Linguística Cognitiva como instrumento para a análise discursiva orientada ao processo de compreensão. Para isso, tratar-se-á das noções de **perspectivação conceptual**<sup>1</sup> (*construal*) e **conceptualização**, não entendidas aqui como sinônimas, para, posteriormente, discutir-se a tipologia de operações de perspectivação conceptual, como proposta por Hart (2014), com base em Croft & Cruse (2004), com exemplos que ilustram sua pertinência em relação aos estudos do texto e do discurso.

---

1 Tradução sugerida por Silva (1997) para o termo *construal*. Trata-se de tradução não consensual para o termo dentre os cognitivistas brasileiros. Creio, contudo, que haja a necessidade de a Linguística Cognitiva nacional começar a traduzir a terminologia inglesa, inclusive de maneira crítica.

## 1. Sobre **perspectivação conceptual, conceptualização e corporeamento**

A Linguística Cognitiva surge, na década de 80, em reação ao formalismo que imperava na Linguística pós-chomskyana, e em paralelo ao desenvolvimento da corrente corporeada das Ciências Cognitivas, que passa a se chocar com os representacionistas, formalistas defensores da linguagem da mente, ou seja, da existência de símbolos amodais<sup>2</sup> que medeiam a relação entre a percepção e a ação<sup>3</sup>.

É, entretanto, nos últimos vinte anos que tanto a Linguística Cognitiva quanto as Ciências Cognitivas Corporeadas têm ganhado destaque e inspirado inúmeras pesquisas e metodologias, especialmente em termos multidisciplinares. Em termos gerais, uma orientação corporeada da cognição parte de algumas premissas, segundo Wilson (2002):

- 1) **A cognição é orientada para a ação.** Nesse sentido, entende-se que a mente evoluiu em conjunto com o corpo, especialmente no que se refere aos sistemas sensório-motores, para controlar e guiar a ação (SEMIN & SMITH, 2008; LINDBLOM, 2015).
- 2) **A cognição é situada.** Assim, concebe-se que a atividade cognitiva ocorre em contextos reais de interação com o mundo, o que envolve percepção e ação. Em consequência disso, pode-se afirmar que a cognição é sensível ao tempo e é estrangida por ele, uma vez que os organismos devem conseguir lidar com a dinamicidade contínua do ‘aqui e agora’ e reagir de forma eficiente (LINDBLOM, 2015; BARSALOU, 1999).
- 3) **A cognição é distribuída para o ambiente.** Embora não seja tão consensual quanto as outras, o fato é que seres humanos se valem do ambiente tanto para diminuir o esforço cognitivo – usar dedos para contar, escrever listas de compras para não esquecer de nada no supermercado – ou mesmo ampliar nosso potencial de percepção-ação e introspecção, como dispositivos eletrônicos, mídias e notações diversas (CLARK, 2008; LINDBLOM, 2015).

---

2 Símbolos amodais diferenciam-se dos modais na medida em que “sua estrutura interna não apresenta correspondência aos estados perceptuais que os produziram” (BARSALOU, 1999, p. 578), como as listas de traços da Semântica Formal ou as estruturas arbóreas gerativistas, para citar exemplos no campo da Linguística.

3 Não há espaço para uma discussão aprofundada acerca das distinções entre as Ciências Cognitivas ditas representacionistas e as corporeadas. Para maiores detalhes, consultar Feltes (2007), Chemero (2009), Barsalou (1999) ou Semin & Smith (2008).

Depreende-se, portanto, que a orientação corporeada da cognição busca estudar a mente humana e o *self* a partir de uma concepção que integra o psicológico, o fisiológico e o sociocultural. Em termos mais específicos,

[...] a cognição corporeada inclui a pessoa que representa o corpo, todos os tipos de ação física e social, assim como os significados resultantes de ações. A mente humana e o *self* são relacionais por natureza. Eles desenvolvem-se pela emergência de interações sociais, e esses processos podem ser entendidos somente à luz das oportunidades e das coerções de mecanismos corpóreos e de padrões dinâmicos de ação corporeada, que são em si cognitivos — tendo papéis cruciais na moldagem e no compartilhamento das experiências subjetivas humanas de seu corpo agente. Assim, o estabelecimento da mente social e do *self* é um ato social e, para guiar-se, o ser humano deve considerar como os outros vão agir e reagir em resposta às suas próprias ações, para as quais as esferas sócio-culturais funcionarão como suportes para a cognição de nível mais elevado. Isso significa que os ambientes físico, material, social e cultural são partes de um sistema cognitivo estendido (LINDBLOM, 2015, p. 13, tradução livre).

Observa-se, portanto, que tal abordagem valoriza o estudo da ação em contextos reais, considerando igualmente relevantes fatores socioculturais, psicológicos e biológicos para se entender a complexidade do comportamento humano, no seio da qual se destaca aqui a questão da linguagem.

Nesse arcabouço, portanto, a linguagem deve ser explicada em termos de seu caráter simbólico e de sua função interacional tendo em vista sua integração com os outros sistemas cognitivos — memória, atenção, categorização, dentre outros — e sensorio-motores — visão, audição, propriocepção, etc. e de sua ancoragem em um dado ambiente sócio-histórico e cultural, que atuará como fonte das experiências e dos estímulos para o aprendizado (dinâmico) da língua, o que inclui as formas de discursivização em contextos reais de interação.

Por conseguinte, trata-se de uma visão que objetiva superar a dicotomia natureza x cultura (*nature vs. nurture*), ressaltando a relevância tanto da ancoragem social da linguagem, quanto das coerções cognitivas relativas a sua emergência e funcionamento, pensando tanto em

termos gramaticais quanto discursivos. Contudo, qual noção permite conectar essas duas instâncias — aparentemente — tão díspares? Trata-se da noção de **experiência**.

Para Croft (2012, p. 13), experiência diz respeito “a algum aspecto do mundo real, ou, de forma mais precisa, à apreensão humana desse aspecto”. Tal apreensão envolve a atividade dinâmica de funções corpóreas de caráter bioquímico, neurológico e sensorio-motor que emergem na interação do corpo vivo com o mundo físico e material, social e cultural. Dessa complexa relação, emergem padrões de ação corporeada que criam, mantêm e sustentam o conhecimento e a capacidade de significação do ser humano.

Partindo dessa premissa, torna-se possível refletir acerca da noção de **perspectivação conceptual** (*construal*) e de **conceptualização** — tidas, muitas vezes, como sinônimas<sup>4</sup> — e de sua relevância para os estudos discursivos.

Assim, considerando o exposto, deve-se ter em mente que a experiência humana sobre a realidade é tipicamente multimodal e sempre ancorada socioculturalmente. Nesse sentido, considera-se que a significação — tanto do ponto de vista da produção quanto da interpretação — não pode ser transparente e precisa ser pensada em termos enciclopédicos e imagéticos. Uma consequência disso é a visão de que as unidades linguísticas consistem em pontos de acesso ao conhecimento de fundo, em instruções parciais que guiam nossa atenção tanto a dadas categorias e referentes quanto a dadas formas de relacionar tais categorias e referentes, que, por sua vez, estão imersos em uma vasta rede conceptual, sensorial, afetiva, que completam as lacunas de sentido e permitem extrapolar o dito e gerar inferências e avaliações, ativar lembranças, suscitar horror ou fascinação, etc. Tal conhecimento de fundo, segundo Hart (2014), seria formado por esquemas imagéticos, *frames* e metáforas conceptuais<sup>5</sup>; contudo, outras estruturas poderiam ser pro-

A relevância  
da noção de  
perspectivação  
conceptual  
(*construal*)  
no âmbito  
dos estudos  
do texto e do  
discurso

---

73

---

4 Ver Croft (2012), por exemplo.

5 Não há consenso na área acerca de quais seriam os componentes desse conhecimento de fundo. Há muitas propostas e pouco consenso, mesmo no que tange a uma única noção, como *frame*. Para este trabalho, será a noção de **esquema imagético** a mais explorada, uma vez que, além de mais bem definida, encontra-se mais diretamente associada à hipótese do corporeamento. Para maiores detalhes sobre a noção de *frame*, ver Cienki (2007) e Duque (2015). Além disso, deve-se ressaltar que, ao admitir que *frames* componham aspectos centrais da cognição humana, estruturantes da linguagem, a Linguística Cognitiva concede a uma estrutura amodal em sua arquitetura. Por essa razão, pode-se afirmar que esse campo de estudos consiste em uma corrente teórica de **corporeamento simples**, conforme categorização sugerida por Clark (1999).

postas, como o faz Van Dijk (2014), que propõe noções como modelos mentais, atitudes, ideologias, embora o faça em uma perspectiva mais representacionista e menos corporeada.

Esse processo cognitivo dinâmico envolvido na construção de significado pelo produtor e em sua reconstrução pelo ouvinte, denomina-se **conceptualização**. À estruturação semântica da experiência materializada no enunciado denomina-se **perspectivação conceptual**.

Em princípio, de acordo com Croft (2012), há múltiplas perspectivas conceptuais alternativas disponíveis para uma experiência, de forma que o falante deve escolher entre uma ou outra para a sua formulação, o que depende do contexto. Contudo, o próprio autor ressalva que a questão não é tão simples assim e que não resulta de processo de simples escolha. Em primeiro lugar, “a perspectivação conceptual serve AOS OBJETIVOS DOS INTERLOCUTORES NO DISCURSO”; em segundo lugar, “a NATUREZA DA REALIDADE limita a perspectivação conceptual ou, ao menos, favorece algumas em detrimento de outras”; e, por fim, “perspectivações conceptuais associadas a um item lexical também são limitadas por CONVENÇÕES CULTURAIS de uma comunidade de fala” (CROFT, 2012, p. 18, versalete do autor, tradução livre). Em uma perspectiva discursivo-textual, contudo, além dos fatores mencionados, interessa pensar em que medida a ideologia favorece determinadas perspectivas conceptuais e em que medida ela é sustentada e reproduzida por perspectivas hegemônicas ou ainda confrontada e transformada por perspectivas alternativas, como formas de resistência. Em outros termos, é importante questionar-se acerca do caráter sócio-histórico e cultural de determinadas perspectivas conceptuais.

Para se compreender de forma mais acurada tal noção, torna-se necessária a exposição dos conceitos de **esquema**, **esquema imagético** e **elaboração**, seguida de exemplificação.

**Esquemas** consistem em abstrações de instâncias reais de ação, que são internalizados e enraizados mediante a experiência individual reiterada com a prática. Esquemas captam o que há de comum entre as diversas instâncias e, quando aprendidos, atuam como *templates* que sancionam novos usos. Com a língua, não é diferente. Para Langacker (2009, p. 5), “os padrões gramaticais são capturados por **esquemas construcionais**, ou seja, por associações simbólicas esquemáticas”, pareamentos entre forma e significado que são continuamente **elaborados** nas interações, a fim de que se possa dirigir a atenção do outro a

determinados referentes, em determinadas relações, a partir de uma certa perspectiva, enquadrada sob um determinado grau de responsabilidade. Em outros termos, o processo de esquematização deriva da capacidade humana de categorizar e abstrair a partir de usos já elaborados de dados esquemas, que atuam como fonte para a formação de padrões gramaticais, que são reproduzidos — em maior ou menor grau — por novas elaborações desses mesmos padrões<sup>6</sup>.

**Esquemas imagéticos** são tipos especiais de esquema, uma vez que consistem em “representações mentais de unidades fundamentais de experiência sensorial” (GRADY, 2005, p. 44), ou seja, em *gestalts* mínimas baseadas em padrões regulares de experiências corporais específicas, que incluem visão, audição, olfato, movimentação, postura, tato e sensações internas, como dor e calor. O termo ‘imagético’ não se refere a uma imagem em si, mas a uma abstração multimodal de experiência reiterada, que ocorre durante o desenvolvimento cognitivo pré-linguístico (Hart, 2014; Mandler, 2004), e que provê a base corporeada para a estruturação semântica de unidades gramaticais e lexicais<sup>7</sup> — mesmo as mais abstratas, via extensão metafórica (CROFT & CRUSE, 2004; LAKOFF, 1987; KÖVECSSES, 2010; dentre outros).

Um desses esquemas imagéticos consiste na representação de FORÇA, como propõem Croft & Cruse (2004). Para Talmy (2000), mais do que apenas um esquema imagético, o domínio de FORÇA consiste em um dos princípios cognitivos estruturantes das línguas naturais, sendo derivado da experiência humana com movimentação e pressão. Independente da polêmica acerca do estatuto cognitivo atribuído a tal experiência corporeada, o fato é que ela consiste em um padrão esquemático corporeado que sanciona determinados usos e que é recrutado para a conceptualização de eventos. Seguem abaixo três enunciados extraídos de diferentes páginas da *web* acerca da instituição de cotas (raciais ou sociais) como ação afirmativa ligada ao acesso ao ensino superior público no Brasil:

- 1) As cotas **fazem com que** um negro pobre tenha um privilégio frente a um branco de mesmo nível social<sup>8</sup>.

6 É possível que, em uma nova elaboração, haja alguma espécie de conflito semântico-pragmático entre o esquema e a instância enunciada, o que pode abrir espaço para uma mudança construcional. Tal processo denomina-se **extensão** (Langacker, 2009).

7 Uma lista não exaustiva e ainda em construção de possíveis esquemas imagéticos pode ser encontrada em Ferrari (2011).

8 Fonte: <https://acidblacknerd.wordpress.com/2013/05/10/10-motivos-para-ser-contra-as-cotas-raciais/>

- 2) Ao criar cotas raciais, o governo **está impedindo** que um aluno não negro, seja ele pobre ou rico, tenha acesso à universidade por causa da cor de sua pele (preconceito de origem, raça e cor)<sup>9</sup>.
- 3) As cotas sociais **permitem** que os estudantes brasileiros das escolas públicas, grande parte deles com baixa renda familiar, tenham melhores condições de ingressar nas universidades públicas<sup>10</sup>.

Paulo Roberto  
Gonçalves-  
Segundo

76

Talmy (2000) denomina *AGONISTA* (AGO) a entidade focal da perspectiva conceptual, que tende à ação ou ao repouso — seja essa física, mental, psicológica ou social, uma vez que a experiência física pode ser metaforizada para outros domínios, como ocorre nos exemplos acima. Tal entidade mantém sua tendência a menos que haja alguma forma de interferência por parte de uma força externa, o *ANTAGONISTA* (ANT), que pode alterar a tendência em curso ou impor alguma forma de resistência, dentre outras possibilidades. Desse confronto emerge uma resultante, que indica o estado final do AGO.

Em (1), tem-se uma perspectiva conceptual baseada na experiência corporeada de *COMPULSÃO*<sup>11</sup>. Nesse exemplo, o *negro pobre* é o AGO que não tende a ter privilégio frente a brancos de mesmo nível social, ou seja, assume uma tendência de repouso, marcada pela polaridade negativa. As cotas são construídas como ANT mais fortes que revertem esse estado de mundo construído pela voz autoral conceptualizadora, de forma que, a partir de força institucional dessa ação afirmativa, os negros pobres passam a uma situação de privilégio. Tal conceptualização de *COMPULSÃO* é marcada linguisticamente pela construção *fazer com que*.

Ideologicamente, infere-se uma perspectiva de que, por um lado, o critério definidor para uma possível instituição de cotas não deveria ser étnico (ou racial), mas social; e de que, por outro, negros e brancos no mesmo nível social estão em situação de igualdade de acesso ao ensino superior brasileiro, apagando as reais distinções de acesso entre as duas etnias no país. Trata-se, portanto, de uma esquematização que incita uma determinada “rota de conceptualização” — para usar uma metáfora baseada em um domínio-fonte de *JORNADA* — que ativa potencialmente tanto a experiência de *COMPULSÃO* quanto a avaliação de injustiça.

9 Fonte: [https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?page\\_id=8&cp=all](https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?page_id=8&cp=all)

10 Fonte: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/11/lei-de-cotas-reserva-50-das-vagas-a-egressos-da-rede-publica>

11 Esquemas imagéticos e seus componentes são redigidos em *VERSALETE* (small caps).



Em (2), o verbo *impedir* assume papel central em uma perspectiva conceptual que se associa à experiência cinestésica de RESTRIÇÃO DE MOVIMENTO (OU BLOQUEIO). O AGO, no caso, é *um aluno não negro (seja ele pobre ou rico)* que tende a ter acesso à universidade, cuja tendência de ação é bloqueada pelo ANT *cotas raciais*, mais forte, o que leva a uma resultante de repouso, ou seja, de interdição da entrada desse aluno no ensino superior.

(1) e (2) podem ser analisados como variantes de uma mesma representação subjacente: a de que a instituição de cotas raciais cria uma situação de injustiça social, uma vez que promovem acesso facilitado a um grupo em detrimento de outro – como se não houvesse desigualdade de acesso. Contudo, a perspectivação conceptual é outra; logo, a experiência corporeada de base é outra; por conseguinte, a rota de conceptualização para a reconstrução do sentido pelo ouvinte é distinta nos dois casos, muito embora possa ativar avaliações similares e reafirmar ou ratificar representações prévias semelhantes via abstração. Em (1), trata-se de dispositivo de favorecimento de negros; em (2), trata-se de dispositivo de desfavorecimento de não negros, o que fica acentuado, dentre outros fatores, pela distinção na seleção do AGO nos dois casos.

Por fim, em (3), são as experiências de LIBERAÇÃO DE MOVIMENTO e HABILITAÇÃO que estruturam a perspectivação conceptual e, portanto, a rota de conceptualização do leitor. A *permissão* ocorre (a) quando um ANT mais forte decide cessar ou reduzir a pressão sobre o AGO, ou (b) quando um AGENTE EXTERNO remove o bloqueio ou a pressão do ANT sobre o AGO, de modo a deixar que ele manifeste sua tendência. No caso, as *cotas sociais* consistem no AGENTE EXTERNO que remove a pressão do ANT – inferível, pelo cotexto, como a baixa renda familiar e, pelo conhecimento enciclopédico, como a disparidade em termos de eficácia educacional entre os ensinos público e privado no que tange ao acesso às universidades públicas –, liberando o AGO *os estudantes brasileiros de escolas públicas (grande parte deles com baixa renda familiar)* a exercer sua tendência de (ter condições de) ingressar nas universidades públicas, ainda que sem a mesma fluência possibilitada pelas cotas. O que as cotas fazem, então, é garantir que a tendência latente se manifeste – logo, ela é justa, ética, não impedindo que a realidade transcorra da maneira que deveria, o que se relaciona a avaliações de justiça, diferente dos casos anteriores.

Após esses exemplos, que tomam apenas o esquema imagético de FORÇA como base, pode-se retomar a discussão sobre as relações entre **perspectivação conceptual, conceptualização e discurso**. Da

*A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso*

perspectiva do produtor textual, a perspectivação conceptual consiste na estruturação semântica de uma experiência, materializada em enunciados concretos e resultado de uma atividade de conceptualização que é possibilitada e limitada pelas coerções cognitivas advindas do seu corporeamento, o que inclui tanto fatores biológicos quanto fatores sócio-histórico-culturais. Do ponto de vista do consumidor textual, a perspectivação conceptual apresenta pistas referenciais e relacionais materializadas no enunciado concreto, que representam uma alternativa de estruturação semântica da realidade, responsável por ativar nós em uma rede complexa de conceitos e categorias, que se associam a experiências multimodais corporeadas e simuladas de introspecção, ação e emoção. Conhecer esses processos, de forma cada vez mais acurada, é relevante para um entendimento mais fino das atividades de produção, distribuição, consumo e interpretação discursivas, o que requisitará uma abertura, cada vez maior, para a multi e/ou para a interdisciplinaridade.

Na próxima seção, discutir-se-á, com exemplificações analíticas e depurações pontuais, a tipologia de operações de perspectivação conceptual, proposta por Hart (2014), para uma análise discursivo-textual orientada, em termos da materialidade linguística, pelos pressupostos da Linguística Cognitiva.

## **2. A tipologia de operações de perspectivação conceptual: discussão e análise**

Tendo em vista que a Linguística Cognitiva se baseia fortemente na hipótese do Corporeamento, ainda que cerceada por noções representacionistas, como a de *frame*, e que a orientação corporeada das Ciências Cognitivas insere a noção de controle adaptativo da ação no centro da abordagem, considerando as limitações e potencialidades da interação do agente com outros agentes, em distintos contextos situacionais, em dados recortes sócio-históricos, a perspectiva aqui apresentada defende que produtores e consumidores textuais são conceptualizadores e agentes nem totalmente estruturados nem totalmente livres — cognitiva ou sócio-historicamente<sup>12</sup>.

---

12 As discussões acerca do grau de estruturação e do grau de racionalismo de falantes/escritores e ouvintes/leitores nos estudos discursivos é controversa e consiste, talvez, em um dos grandes pontos de desacordo entre as múltiplas vertentes do campo. Não é objetivo deste texto entrar nessa controvérsia.

Em consequência disso, é possível tratar de **estratégias discursivas**. Para Hart (2014, p. 110, tradução livre), uma estratégia discursiva consiste em

um plano de atividades discursivas mais ou menos intencionais/institucionalizadas cuja instanciação resulta em uma representação particular da realidade, sistematicamente estruturada e internamente coerente, que visa à legitimação e/ou à mobilização de ações sociais, na medida em que invoca, por meio da linguagem, determinadas conceptualizações com efeitos perlocucionários.

Em outros termos, estratégias discursivas operam ideologicamente, na medida em que atuam no sentido de legitimar ou deslegitimar, via significação, determinadas assimetrias de dominação<sup>13</sup>, podendo ser instanciadas tanto para a manutenção de relações de poder, via preconceito, exclusão ou silenciamento quanto para a contestação dessas relações, via empoderamento e inclusão/integração.

Isso posto, expõe-se, na sequência, o quadro, adaptado de Hart (2014, p. 111), que apresenta as operações de **perspectivação conceptual** como resultantes do cruzamento entre estratégias discursivas, já definidas, e *sistemas conceptuais*, capacidades cognitivas humanas que são recrutadas para a constituição da linguagem e da gramática.

*A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso*

### Quadro 1. Tipologia das operações de perspectivação conceptual

<u>Estratégia</u>	<i>Sistema</i>	<i>Gestalt</i>	<i>Comparação</i>	<i>Atenção</i>	<i>Perspectiva</i>
<u>Configuração Estrutural</u>	<b>Esquematização</b>		<b>Categorização</b>		
Enquadramento					
<u>Identificação</u>				<b>Foco</b>	
				<b>Granularidade</b>	
				<b>Quadro de visualização</b>	
<u>Posicionamento</u>					<b>Ponto de vista</b>
					<b>Dêixis</b>

Fonte: Adaptado de Hart (2014, p. 111)

<sup>13</sup> A visão de ideologia ligada a modos de significação que legitimam assimetrias de dominação advém de Giddens (2009) e é discutida, de um ponto de vista discursivo-textual, em Gonçalves-Segundo (2011).

Inicialmente, deve-se ressaltar que todo enunciado apresenta uma **perspectivação conceptual**, que é, simultaneamente, resultado do processo de conceptualização autoral e fonte de reconceptualização por parte do ouvinte/leitor. Tal perspectivação é, na verdade, consequência da materialização de operações que envolvem todos os processos expostos no quadro anterior — e outros que, por ventura, venham a ser propostos pelos avanços do campo e examinados em termos de sua pertinência linguística e cognitiva. Por conseguinte, é plausível assumir que possa haver sobreposições e pontos de contato entre os processos delineados.

A primeira operação proposta por Hart (2014) consiste na **esquemematização**. Ela é resultado da combinação da estratégia discursiva de configuração estrutural com o sistema conceptual de *Gestalt* ou *Constituição*. Tal sistema conceptual diz respeito, para o autor, à habilidade humana de analisar cenas complexas de forma holística — e não (apenas) composicionalmente. Isso manifesta-se, no uso linguístico, por meio de recursos léxico-gramaticais que estruturam internamente as entidades, as relações e os eventos na configuração de cenas a partir da ativação de determinados esquemas imagéticos. A **esquemematização** consiste, portanto, na faceta da **perspectivação conceptual** responsável pelo caráter topológico, meronímico e geométrico das entidades e pelas relações de causalidade — tanto externa quanto interna — entre eventos e entidades, conforme se ilustrou nos exemplos (1), (2) e (3), no que se refere à Dinâmica de Forças, princípio semântico atrelado à conceptualização da causalidade<sup>14</sup>.

A estratégia de enquadramento, por sua vez, está ligada à capacidade humana de comparar entidades e eventos, julgando seu grau de semelhança e disparidade, de forma a agrupá-los em determinadas categorias, ou ainda de associar diferentes domínios de conhecimento com o objetivo de compreender uma experiência mais abstrata ou complexa, por meio do processo de metaforização.

A organização cognitiva de categorias constitui tema controverso nas Ciências Cognitivas e na Linguística, que abrangem desde a abordagem clássica de traços necessários e suficientes, por um lado, e primitivos semânticos ligados a uma abordagem essencialmente for-

---

14 Para maiores detalhes acerca da esquematização, ver Talmy (2000), Croft & Cruse (2004) e Hart (2014). Para pormenorização acerca da relação entre causalidade externa e interna e Dinâmica de Forças em perspectiva cognitivista, a partir de estudos de em tipologia linguística, ver Croft (2012).

malista, por outro, até as abordagens que consideram categorias como simuladores mentais multimodais e o processo de categorização como a capacidade de gerar uma simulação satisfatória de uma nova entidade<sup>15</sup>.

As diversas abordagens ligadas ao paradigma cognitivista da linguagem assumem a tese do corporeamento em distintos graus, o que se reflete, dentre outras noções, na visão de categorização. Ao mesmo tempo, tendem a considerar que as expressões linguísticas consistem, na verdade, em pontos de acesso ao conhecimento de fundo, o que inclui a organização em *frames* ou domínios. Na Semântica Cognitiva hegemônica, que tem em Langacker (2008), Talmy (2000) e Lakoff (1987) nomes fortes, tende-se a assumir a noção de **protótipo** como relevante (ROSCH, 1973), uma posição intermediária em termos de grau de incorporação da tese do corporeamento — simuladores de base sensorio-motora apresentariam grau bem mais elevado –, entendendo-o como efeito experiencial de tipicidade derivado da organização cognitiva subjacente (domínios).

Segundo Langacker (2008, p. 17, negrito do autor), “uma **categoria** é um conjunto de elementos considerados equivalentes para algum propósito”. Rosch (1973) elenca como princípios fundamentais para a formação de categorias a **economia cognitiva** e a **estrutura de mundo percebida**. O primeiro deles diz respeito à tendência de maximizar informações com o mínimo de esforço no agrupamento de entidades com características similares, enquanto o segundo concerne à tendência de agrupar entidades que apresentam componentes com alta co-ocorrência de atributos constitutivos percebidos. Um **protótipo**, nesse sentido, consiste em um ponto de referência cognitivo de uma categoria, um exemplar da categoria que apresenta o maior número de traços associados. Segundo Lewandowska-Tomaszczyk (2007), categorias prototípicas apresentam diferentes graus de tipicidade, fronteiras difusas, não podem ser definidas por traços necessários e suficientes e podem apresentar estrutura de semelhança familiar<sup>16</sup>. Falcone (2011), buscando articular categorização e discurso, propõe um *continuum* entre as atividades

A relevância  
da noção de  
perspectivação  
conceptual  
(construal)  
no âmbito  
dos estudos  
do texto e do  
discurso

15 Para detalhes, consultar Barsalou (1999).

16 Para uma visão mais aprofundada, sugere-se a leitura de Lakoff (1987) e o capítulo sobre categorização em Evans & Green (2006). Aproveita-se para esclarecer que, embora reconheça a importância da noção de protótipo e, posteriormente, a de estereótipo, este trabalho não considera que a organização cognitiva em si seja realizada por meio de protótipos; assim como para Falcone (2011) e Lakoff (1987), protótipos derivam de efeitos de tipicidade. A atividade discursiva é fundamental, portanto, para esse processo.

de prototipificação e estereotipificação, ressaltando a relevância da atividade discursivo-textual para o processo, tendo em vista a discussão sobre o fenômeno de (des)legitimação de grupos e atores sociais.

No ponto de vista aqui adotado, que converge ao de Falcone (2011), a estereotipificação é um processo de tipicidade resultante da atividade discursiva e altamente sensível, na contemporaneidade, aos efeitos de distribuição midiáticos, por meio do qual ideologias são reproduzidas e, com ela, relações assimétricas de poder e preconceito.

Um exemplo relevante, em termos discursivos, do processo de categorização pode ser discutido a partir da seguinte fala do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), em relação às manifestações ocorridas em janeiro de 2016 contra o aumento da tarifa do transporte público na capital paulista, realizada, em conjunto, com a prefeitura do município, gerida por Fernando Haddad (PT). O excerto fora extraído de notícia publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 15 de janeiro de 2016, no caderno Cotidiano:

- 4) “Manifestação legítima e pacífica é positivo, é nosso dever acompanhar e dar segurança. Outra coisa é vandalismo seletivo. É estranho não ter tido nenhuma manifestação quando a energia elétrica subiu 70%. Não teve manifestação quando a inflação passou de 10%”, afirmou<sup>17</sup>.

Ao enquadrar o conjunto de manifestações organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL) como *vandalismo seletivo*, o governador criminaliza e politiza o movimento, além de criar uma rede de associações em termos de domínio de conhecimento que estão fortemente ligadas ao fenômeno cognitivo em discussão.

Em primeiro lugar, há uma oposição, tecida em sua fala, entre *manifestação legítima e pacífica*, por um lado, e *vandalismo seletivo*, por outro. Os sintagmas nominais destacados revelam instâncias de categorização sobre o mesmo evento da realidade, revelando, portanto, diferentes experiências, maneiras distintas de julgar a realidade, refletindo diferentes **perspectivações conceituais**. Na construção de Alckmin, os protestos do MPL não são manifestações legítimas e pacíficas, logo,

---

17 Fonte: SEABRA, Catia. Após parceria para reajustar tarifas, Alckmin e Haddad se estranham. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1729784-apos-parceria-para-reajustar-tarifas-alckmin-e-haddad-se-estranham.shtml?cmpid=topicos>

são destituídas de validade social e imbuídas de violência — em consequência disso, não é obrigação do governo garantir sua segurança. Na verdade, elas são criminosas, uma vez que estão inseridas na categoria *vandalismo*. Como crime, elas devem ser coibidas e controladas pelos aparelhos de repressão do Estado; no caso, a Polícia Militar. Toda essa rede de relações integra o conhecimento enciclopédico do brasileiro médio, socializado no país, e é ativada no *background* da categorização. O termo *seletivo* associa a criminalidade ao espectro político, na medida em que o governador considera anormal (*estranho*) a ausência de manifestações em relação à alta da inflação e ao aumento da energia elétrica. Note-se que, nesses casos, o termo *manifestação* é usado, revelando que tais motivações seriam legítimas, apropriadas, no que tange à conceptualização de Alckmin, ligado ao discurso de centro-direita do Brasil e, no caso, a uma resistência explícita ao governo do PT, de Dilma Rousseff. Assim, o governador parece visar associar a pauta do MPL a um esquerdismo pró-PT e anti-PSDB, e, tendo ligado os protestos a criminalidade, não fica difícil traçar a última inferência de sua fala. Assim, o governador contribui para a construção de um estereótipo acerca dos movimentos e dos atores sociais que resistem às suas medidas, gerando uma rede de associações, que tanto se baseia num dado *frame* quanto auxilia para sua ratificação ou reestruturação para o leitor-ouvinte: trata-se de esquerdistas, criminosos, parciais, violentos e desordeiros.

No que se refere à segunda operação de **perspectivação conceptual** resultante do cruzamento entre enquadramento e *comparação* – a **metaforização** –, já existe, no país, um grande volume de estudos ligados a esse campo com objetos tanto gramaticais quanto discursivo-textuais<sup>18</sup>. Metáforas baseiam-se na capacidade cognitiva de comparação na medida em que o conhecimento multimodal acerca de um domínio da realidade é projetado em outro domínio, o que implica a geração de uma nova rota de conceptualização para esta experiência.

Em linhas gerais, podem-se distinguir três grandes tipos de metáfora relevantes para estudos discursivo-textuais, que podem interagir de formas complexas: metáforas situadas, metáforas conceptuais e metáforas distribuídas. De acordo com Vereza (2010, 2013), metáforas situadas são restritas a um texto, atuando *online* e de modo episódico,

*A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso*

18 Destacam-se, no campo do texto e do discurso, os trabalhos de Vereza (2010, 2013, dentre outros), Palumbo (2013), Gonçalves-Segundo (2014), Pelosi, Feltes & Ferreira (2012), Morais (2015), Hubert (2017) e muitos outros.

criando redes de sentido com função argumentativa. Metáforas conceituais, por sua vez, têm maior distribuição cultural e estão de tal forma incorporadas que é complexo pensar no domínio-alvo sem utilizar a imagética da fonte. Tais metáforas atravessam diferentes discursos e têm, inclusive, impacto gramatical, conforme mostram Kövecses (2010) e Lakoff & Johnson (1980). Metáforas distribuídas<sup>19</sup>, por sua vez, consistem em associações de domínios compartilhadas por grupos, com função ideológica, atuando no sentido de dar coesão às suas representações, legitimando estados de mundo e mobilizando determinadas atitudes. Nesse sentido, é possível supor que metáforas surjam de forma situada e que possam ecoar em determinado grupo, entrando em consonância com sua ideologia, tornando-se, assim, distribuídas. A depender da capacidade hegemônica de tal grupo e das formas de dispersão de tal associação, a metáfora poderá ser internalizada até mesmo pelos grupos oprimidos, espalhando-se culturalmente, podendo chegar a assumir um viés conceptual<sup>20</sup>. Assim, é inegável a relevância do estudo das metáforas para uma análise discursiva.

Em 2009, nas campanhas contra dengue no estado do Mato Grosso, ocorreu a seguinte metáfora, de caráter situado: **COMBATER A DENGUE É JOGAR FUTEBOL**<sup>21</sup>, que se baseia na associação entre qualidade e quantidade.

Seguem abaixo os dados<sup>22</sup>:

19 Morais (2015) propõe, no arcabouço da Análise de Discurso Francesa, de base pècheuxtiana, a noção de metáfora emergente distribuída, a partir de um feixe de dez propriedades: elas são sócio-históricas; indeterminadas, inatingíveis e irredutíveis; representáveis e internalizáveis; semi-estáveis; contraditórias; discursivamente experienciáveis; intersubjetivas; reais, simbólicas e imaginárias; distribuídas; e tipológicas (estruturais, ontológicas e orientacionais). Em Steen (2011), verifica-se um conceito análogo – o de modelos metafóricos contestados. O autor argumenta que se tratam de metáforas prototipicamente novas e deliberadas, que podem, a depender da dinâmica do debate público, serem rejeitadas ou assimiladas; nesse caso, podem se convencionalizar e se tornar não deliberadas.

20 Não se pretende, com tal exposição, defender que essa é a única rota para a emergência de uma metáfora conceptual. Metáforas conceituais podem emergir de correlações experienciais (aparentemente) dissociadas de viés ideológico, como **QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL**; **OBJETIVO É DESTINO**; **RAIVA É CALOR**; dentre outras. Entretanto, nada impede que tais metáforas sejam recrutadas, em algum discurso, para construções ideologizadas.

21 Na Linguística Cognitiva, metáforas são indicadas em versalete (*small caps*) segundo a seguinte fórmula: **DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE**. Nesse sentido, o domínio-alvo consiste na experiência a que se quer construir, explicar ou fazer compreender por meio do conhecimento multimodal advindo de outro campo, denominado domínio-fonte. No caso citado, a fonte é o domínio esportivo, relativo ao futebol, e o alvo consiste no campo da prevenção a uma patologia, no caso, a dengue. Ressalva-se que o uso do verbo *combater* no domínio-alvo já pressupõe que concebamos doenças/vetores de doenças como inimigos, invocando uma imagética de **GUERRA**. Não explorar-se-á, pormenorizadamente, este aspecto aqui.

22 Por questão de espaço, foram inseridas apenas as chamadas, sem os textos explicativos. Do mesmo modo, omitiu-se a parte gráfica, contendo imagens de campos, bolas e jogadores de futebol. Destaca-se apenas que a chamada (7) é acompanhada da imagem de uma bola de futebol, em cuja superfície encontra-se um mosquito esmagado. Apenas a imagem desta campanha encontra-se nos anexos.



- 5) Cuiabá x Dengue. Nesse clássico, a vitória depende de você.
- 6) Você foi escalado para jogar contra a dengue.
- 7) Chegou a hora de ganhar esse jogo.

O domínio-fonte do FUTEBOL encontra-se enraizado na cultura brasileira e seus elementos constitutivos – regras, vocabulário e afetos – podem ser recrutados e projetados para outros campos, no caso, o COMBATE À DENGUE, como forma de incitar a união entre as pessoas no embate apaixonado contra um adversário comum.

Em (5), a campanha aproveita a forma composicional do embate entre times A x B, em que A é o time da casa, e B, o visitante para enquadrar a cidade de Cuiabá e a dengue, o adversário que vem de fora. Nesse sentido, remonta-se à velha polarização *nós x eles*, os espaços legítimos que cada um pode/deve ocupar e a necessidade de proteção deste espaço, conforme mostram diversos estudos (van Dijk, 2003; Hart, 2010; Gonçalves-Segundo, 2016).

Na sequência, tal confronto é categorizado como *clássico*, remetendo a um tipo de partida em que os times têm um histórico de rivalidade, marcado por confrontos acirrados e torcidas antagônicas. Posteriormente, a *vitória* – meta almejada no jogo de futebol, ou seja, uma parte necessária para o progresso do time em um campeonato rumo ao título – é construída como condicionada ao leitor, construído em segunda pessoa (*você*), em um diálogo direto com ele. Nesse sentido, o leitor é construído como jogador-chave para se vencer o confronto.

(6) colabora para a elaboração da metáfora – construída em voz passiva, ocultando-se, portanto, o agente da escalação, irrelevante para o efeito de sentido (possivelmente) almejado –, inserindo o leitor no conjunto de jogadores convocados para entrar em campo no jogo contra a dengue, instigando a responsabilidade pessoal desse consumidor textual no combate ao mosquito.

Faz-se menção ao mosquito pois é justamente em relação a ele que o embate se dá – como deixa clara a imagem que acompanha (7), em que há um mosquito esmagado por uma bola. A imagem e o texto dialogam, na medida em que ocorre uma projeção entre os domínios, a partir da qual *ganhar o jogo* equivale a *matar o mosquito* e, com isso, impedir a disseminação da dengue. Nesse sentido, a *dengue* encontra-se em relação metonímica com o *mosquito* (*Aedes aegypti*) nessas campanhas, na medida em que a primeira atua como ponto de acesso ao segundo.

*A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso*

Ademais, a construção *chegar a hora* aponta para a urgência dessa vitória e aponta para um ponto culminante no jogo — a vitória depende do leitor; ele é escalado e agora é o momento de vencer.

O quadro a seguir sintetiza as relações de correspondência entre os domínios associados:

**Quadro 2. Projeções entre domínios da metáfora situada** COMBATER A DENGUE É JOGAR FUTEBOL

DOMÍNIO-FONTE: FUTEBOL	DOMÍNIO-ALVO: DENGUE
Jogo/Clássico	Combate ao mosquito (à dengue)
Time da casa	Mato-grossense (cuiabano)
Time visitante	<i>Aedes aegypti</i> (dengue)
Vitória do time da casa	Extermínio do mosquito (da dengue)
Escalação	Participação na campanha

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, é relevante que o analista do discurso/linguista de texto esteja sensível às projeções entre os domínios de uma metáfora para que possa inferir seu papel na estruturação de determinados gêneros, estilos e discursos e, inclusive, seu papel ideológico e persuasivo. No exemplo em análise, destaca-se o uso retórico da metáfora para mobilizar ações sociais, o que a configura como uma estratégia discursiva na acepção de Hart (2014).

As operações de **foco**, **granularidade** e **quadro de visualização** já foram — e continuam sendo — objeto de investigação nos estudos discursivos, especialmente nos de orientação crítica, em uma perspectiva funcionalista. Contudo, são raros os trabalhos cognitivistas que se voltaram para tais operações em termos de texto e discurso.

Ligados à estratégia de identificação e ao sistema conceptual de *atenção*, tais operações dizem respeito aos modos pelos quais a voz autoral conceptualizadora direciona a atenção do leitor/ouvinte para as entidades e suas relações na cena representada, a partir de processos que aumentam ou diminuem o grau de saliência de entidades e ações, que ocultam ou inserem participantes na cena, que minimizam ou maximizam o campo de visão, com distintos níveis de distância (*zoom*) sobre a experiência retratada. Trata-se, portanto, de um conjunto de

operações que também está ligada à apropriação linguística de esquemas imagéticos ligados à VISÃO<sup>23</sup>.

Para mostrar o seu funcionamento, arrolam-se, abaixo, títulos de notícias extraídos de sites de portais jurídicos e de jornais, de diversas localidades do país, entre 2013 e 2015, sobre a polêmica dos “rolezinhos”, encontros de adolescentes realizados, primordialmente, em *shoppings centers* de grandes cidades:

- 8) Shopping Iguatemi obtém liminar para impedir tumulto em rolezinho neste sábado<sup>24</sup>.
- 9) Shopping Uberaba obtém liminar da justiça contra “Rolezinho”<sup>25</sup>.
- 10) Shopping de Jundiá consegue na Justiça liminar para evitar ‘rolezinhos’<sup>26</sup>.
- 11) Justiça concede liminar que proíbe “rolezinho” em shopping de Vila Velha<sup>27</sup>.
- 12) Desembargadora concede liminar que proíbe “rolezinho” no PantanalShopping<sup>28</sup>.
- 13) Após “rolezinhos”, Justiça proíbe adolescentes em shopping de Franca<sup>29</sup>.
- 14) “Rolezinho” faz shoppings barrarem adolescentes<sup>30</sup>.

Em primeiro lugar, deve-se assinalar que, por se tratarem de títulos de notícias, há coerções genéricas — conhecidas pelos redatores e que integram sua competência linguístico-discursiva — responsáveis pelo formato desse texto, o que explica, em larga medida, a similaridade

---

23 Por tal razão, é bem complexo dissociar a estratégia de *identificação* dos outros processos. Trata-se, talvez, da *estratégia* mais difusa, tendo em vista o fato de estar relacionada ao sistema de *atenção*, inerentemente ligado à questão referencial, um dos aspectos primordiais da atividade linguística. Nesse sentido, o *quadro de visualização* estabelece intersecções com a perspectiva; e a *granularidade*, com a comparação.

24 Fonte: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/01/18/noticiafortaleza,3193065/shopping-iguatemi-obtem-liminar-para-impedir-rolezinho-neste-sabado.shtml> (18.01.2014)

25 Fonte: <http://www.jcuberaba.com.br/cidade/geral/1147/shopping-uberaba-obtem-liminar-da-justica-contra-34-rolezinho-34/> (18.01.2014)

26 Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/07/shopping-de-jundiai-consegue-na-justica-liminar-para-evitar-rolezinhos.html> (03.07.2015)

27 Fonte: <http://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/2014/08/justica-concede-liminar-que-proibe-rolezinho-em-shopping-de-vila-velha.html> (29.08.2014)

28 Fonte: [http://www.olhardireto.com.br/juridico/noticias/exibir.asp?noticia=Desembargadora\\_concede\\_liminar\\_que\\_proibe\\_rolezinho\\_no\\_Pantanal\\_Shopping&id=15397](http://www.olhardireto.com.br/juridico/noticias/exibir.asp?noticia=Desembargadora_concede_liminar_que_proibe_rolezinho_no_Pantanal_Shopping&id=15397) (25.01.2014)

29 Fonte: <http://www.migalhas.com.br/Quentes/17,MI215017,91041-Apos+rolezinhos+Justica+proibe+adolescentes+em+shopping+de+Franca> (03.02.2015)

30 Fonte: <http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/rolezinho-faz-shoppings-barrarem-adolescentes-1209079> (14.01.2014)

em sua composição. Apesar disso, há divergências decorrentes da seleção temática: os exemplos (8)-(12) enfocam a concessão de liminar contra a realização dos eventos nos shoppings, ao passo que os exemplos de (13)-(14) focam na proibição da entrada de adolescentes nesses estabelecimentos. Atravessando tais questões, de ordem textual, é possível depreender similaridades e disparidades entre esses títulos em termos de operações de **focalização**, **granularidade** e **quadro de visualização**.

A **granularidade** (ou resolução) diz respeito ao grau de detalhe de ações, situações e entidades e ao grau de separação e de distinção entre o todo e as partes. Seus correlatos linguísticos mais diretos consistem no uso de certos tipos de metonímia — como os citados em (5) e (6) entre *dengue* e *Aedes aegypti* — e de nominalizações, além de sua clara intersecção com o fenômeno de categorização, em termos de hiperonímia (menos granular) e hiponímia (mais granular).

O **quadro de visualização** consiste na operação por meio da qual a voz autoral direciona a atenção do ouvinte/leitor para determinadas partes da cena e da experiência conceptualizadas. Toda experiência — dado seu caráter multimodal — é mais rica que sua instanciação linguística; nesse sentido, todo enunciado é responsável por um afinilamento da atenção do outro a dados aspectos da realidade, revelando aquilo que o falante/escritor pretende mostrar em um dado momento. O termo *mostrar* aqui é usado em termos visuais mesmo — por tal razão, Hart (2014) associa essa operação à noção de *distância*. Caso se pense em uma câmera fotográfica, pode-se pensar também na função *zoom*. Em termos linguístico-discursivos, o **quadro de visualização** diz respeito ao grau de explicitação ou de elaboração dos componentes de uma dada esquematização, fenômeno que está relacionada à ocultação ou inscrição de participantes em orações, por exemplo.

Já a **focalização**, de acordo com Langacker (2008), está associada aos graus de proeminência de entidades e de relações na perspectuação conceptual. Nesse sentido, está associada ao alinhamento Figura-Fundo (ou Trajetor-Marco) e suas possíveis relações com vozes verbais e estrutura informacional. Enfocar-se-á aqui apenas a relação Figura-Fundo.

Tenuta & Lapesquer (2011) destacam que a percepção humana — com destaque à visão — é condicionada pela relação Figura-Fundo, de acordo com os postulados da Gestalt. Consiste na Figura o elemento da realidade que é enfocado, que se torna saliente em face de um entorno, em geral, mais (localmente) homogêneo — o Fundo — contra o qual ele

contrasta. Nesse sentido, trata-se de uma relação de interdependência, na medida em que só existe Figura em face de um Fundo. Nesse sentido, a Figura torna-se foco primário de atenção. Na sequência, mostra-se a interação entre **granularidade, focalização e quadro de visualização** nos títulos expostos<sup>31</sup>.

Em termos de causalidade, é sensato supor o seguinte ordenamento no que se refere ao recorte da realidade que embasa os títulos: adolescentes encontram-se em massa nos shoppings, dando origem aos eventos conhecidos como *rolezinhos*; tais eventos (supostamente) causam prejuízo/dano para o estabelecimento e para um conjunto de clientes e lojistas, provocando reação negativa; os estabelecimentos vão à Justiça procurar meios de impedir tais encontros; algum membro competente do Judiciário analisa o caso e concede ou não liminar para bloquear a ocorrência do evento, que, no fundo, consiste no controle da entrada de adolescentes desacompanhados dos pais, em grupos, nos shoppings.

O que os títulos fazem é selecionar aspectos dessa sequência causal: de (9)-(12), por exemplo, dirige-se a atenção do leitor para o processo de obtenção da liminar para o impedimento dos *rolezinhos*, o que revela a instauração de **quadros de visualização** semelhantes — a uma mesma distância —, porém com **focalizações** distintas. Em (9) e (10), a Figura consiste no shopping center, que é o elemento antagonico no jogo de forças, aquele que é ativo e que mobiliza a transformação da realidade, que se esforça para conseguir a liminar da Justiça; ao passo que, em (11) e (12), a Figura consiste na Justiça, que é o elemento responsável pela mudança da realidade, subtraindo do shopping a responsabilidade pelo pedido de bloqueio do encontro adolescente. Contudo, entre (11) e (12), ocorre uma diferença de granularidade: neste, é a *desembargadora*, ator social que ocupa uma posição de poder na instância judiciária que é responsabilizada pela concessão da liminar, ao passo que, naquele, é a *Justiça* como entidade/coletividade que é responsabilizada, ocultando a ação humana. O ANT é, portanto, mais granular em (12) que em (11).

Já em (14) tem-se uma expansão do **quadro de visualização**, pela enunciação de um esquema de forças complexo, em que co-ocorrem COMPULSÃO e BLOQUEIO. O *rolezinho*, Antagonista e Figura, rompe com a ten-

---

31 Não se pretende exaurir todas as possibilidades de análise da interação dessas operações neste espaço. As análises visam apenas a explicitar a pertinência desse tipo de abordagem nos estudos discursivo-textuais.

dência do *shopping*, Agonista, de permitir a circulação de adolescentes e é responsabilizado pelo fato de esses estabelecimentos — agora, Antagonista — bloquearem a entrada do Agonista *adolescentes*, movimentação típico e esperado desse grupo nesse contexto. Nesse sentido, o que o shopping faz é apenas reagir — no fundo, é o próprio comportamento adolescente que é responsável pelo bloqueio do comportamento adolescente. Em (13), ocorre uma perspectivação conceptual semelhante; contudo, o fato de os rolezinhos estarem inseridos em uma construção adverbial temporal (*após rolezinhos*) pode reduzir o impacto da relação causativa, embora ela seja inferível<sup>32</sup>.

Em (8), por sua vez, também ocorre uma possível expansão do **quadro de visualização**, na medida em que o bloqueio é direcionado ao *tumulto*, entidade construída por uma atividade cognitiva de **reificação**<sup>33</sup> (LANGACKER, 2008; HART, 2014), que é causada como possível resultado das ações praticadas pelos rolezinhos. Trata-se de estratégia relevante, na medida em que o foco da liminar se volta a reações negativas do evento, e não ao evento, obscurecendo o que, de fato, a medida implica — o controle da entrada de adolescentes no estabelecimento. Pode-se também pontuar o fato de esse título desfocar a *Justiça* como fonte da liminar, não elaborando o responsável pela sua concessão.

Por fim, as operações de **ponto de vista** e **dêixis** resultam da combinação da estratégia discursiva de posicionamento com o sistema conceptual de *perspectiva*<sup>34</sup>. A capacidade de perspectivar está ligada ao fato de a cognição ser situada e, portanto, ligada ao corporeamento. Embora seja fundamentalmente espacial, pode-se pensar a perspectiva em termos temporais, epistêmicos e axiológicos, levando em consideração possíveis alternâncias de posicionamento tanto do conceptualizador quanto das entidades conceptualizadas. Em Linguística Cognitiva, destacam-se, para a análise da *perspectivação* e do posicionamento, com

---

32 Para relações entre temporalidade e causalidade, ver Kortmann (1997) e Longhin-Tomazi (2011).

33 A atividade cognitiva de **reificação** consiste em transformar propriedades e relações complexas, que, em geral, envolvem participantes em interação, em um objeto que pode ser manipulado, barrado, causado, construído. Toda reificação implica uma mudança de **granularidade**, uma vez que as partes que compõem a cena são reduzidas a uma concepção holística, o que, de fato, ocorre na perspectivação conceptual em análise.

34 Embora não seja proposto por Hart (2014), poder-se-ia incluir a **empatia** em paralelo às operações citadas em termos de **posicionamento** e *perspectiva*. Para maiores detalhes sobre estudos de empatia, linguagem e discurso, ver Cameron (2013), Pelosi, Feltes & Ferreira (2012) e Gonçalves-Segundo & Ribeiro (2016). Além disso, deseja-se ressaltar que *perspectiva* aqui se refere a um dos sistemas conceptuais, e não à estruturação semântica da experiência, que envolve todos os processos já mencionados — dentre outros possíveis —, a que temos denominado perspectivação conceptual.

possíveis correlações discursivas, os trabalhos de Chilton (2004, 2014), Cap (2013), Hart (2014)<sup>35</sup>.

A atividade de perspectivação, dado que baseada na experiência situada do conceptualizador, pressupõe o *self* como ponto de referência central, a partir do qual o *aqui*, o *agora*, o *real* – e, provavelmente, o *correto*, o *moral* – se estabelecem. Qualquer enunciado produzido, portanto, apresenta pistas que instruem o ouvinte/leitor a distanciar ou aproximar entidades, ações, situações ou propriedades em relação ao *self* do falante e ao seu próprio *self*.

A abordagem da **Proximização**, proposta por Cap (2013), interessa-se no estudo das perspectivações conceptuais que simulam uma aproximação espacial, temporal e axiológica de um exogrupo ('eles') em relação a um endogrupo ('nós'), construído em identificação com o *self*. Tal movimentação ativa conceptualizações de ameaça à integridade do 'nós', o que pode disparar afetos pertinentes, como medo ou ansiedade. Hart (2014) expande a noção, propondo também falar em Proximização Epistêmica, por meio da instanciação de recursos evidenciais, que aproximariam o conteúdo proposicional do real; Gonçalves-Segundo (2016) propõe a noção de Proximização Social, que consiste na **perspectivação conceptual** que aproxima entidades "neutras" – que não são construídas, *a priori*, nem como membros do endo ou do exogrupo – ao 'nós', como forma de fortalecer esse grupo para resistir à aproximação ameaçadora do exogrupo, conforme se observa nos exemplos (5), (6) e (7), em que o leitor (*você*) – que ainda não é concebido como parte do endogrupo que combaterá a dengue – é convidado a se aproximar e integrar o 'nós' contra o inimigo invasor, o *Aedes aegypti*, o 'eles'.

Logo, as campanhas contra dengue também consistem em exemplares textuais que permitem vislumbrar estratégias de *perspectiva*. Seguem dois exemplos ilustrativos (destituídos dos recursos de ordem visual):

15) Dengue? Aqui não.

Fale com sua comunidade. Para evitar a dengue, cada um tem que fazer a sua parte.

---

35 Cap (2013) propõe uma abordagem conhecida como **Proximização**, ampliada por Hart (2014). No Brasil, os trabalhos ainda são escassos. Citam-se os trabalhos de Gonçalves-Segundo (2016), que trata da Proximização em cartas do leitor sobre os *rolezinhos* no jornal Folha de S. Paulo, e de Weiss (2017), que aborda o fenômeno no discurso homofóbico instanciado em episódio do Programa televisivo "Casos de Família".

16) Dengue.

Não é só no verão que o mosquito ataca.

Previna-se.

Paulo Roberto  
Gonçalves-  
Segundo

---

92

Nos exemplos acima, a instanciação do operador de polaridade *não* atua no sentido de distanciar, epistemicamente, as proposições do espaço de realidade e validade do *self*. Em (15), resiste-se à conceptualização de que a doença poderia estar em um espaço físico próximo ao *self* leitor e, em (16), anula-se a conceptualização de que o mosquito teria um período específico de atuação durante o ano: o verão. Nesse sentido, ambas as perspectivas conceptuais lidam com possíveis “representações falsas” do leitor, cancelando-as e, assim, distanciando-as do que, para a voz autoral das campanhas, seria o real. Tem-se, portanto, uma operação oposta à de **proximização**: a de **distanciamento**.

Contudo, em (16), a mesma atividade que distancia epistemicamente, aproxima temporalmente, na medida em que, se não é só no verão, é o tempo todo, tornando a ameaça do mosquito – e, consequentemente, da dengue – constante, colaborando para a construção de um possível quadro de ansiedade, ligado à persuasão do leitor no que tange a medidas de prevenção contínua contra a doença.

É justamente nesse sentido que a *perspectiva* atua — a variação da distância conceptual acaba correlacionada a modos de engajar-se com a realidade, de forma que a proximidade do exogrupo acaba sendo vista como negativa e, portanto, passível de resistência do endogrupo. Mais do que isso, tal resistência é vista como legítima e desejável para a integridade do *nós*. No caso de uma doença, trata-se de estratégia relevante e válida; contudo, o que acontece quando esse exogrupo que se aproxima é o imigrante, o adolescente que participa de um rolezinho, o manifestante? Que endo e exogrupos são construídos? Como a “ameaça” é construída e como a “resistência” é (des)legitimada? Em (2), por exemplo, as cotas são construídas por meio de **proximização temporal**: *o governo está impedindo que um aluno não negro [...] tenha acesso à universidade*. Trata-se de prática construída como presente, reiterada e constante, que coloca em ameaça contínua os excluídos das diretrizes da ação afirmativa; logo, incita-se a resistência a ela. Em outros termos, tais formas de perspectivar em termos de aproximações e distanciamentos podem ter impactos na legitimação tanto de discursos opressores quanto de discursos de resistência bem como na mobilização de ações sociais.



Esses poucos exemplos mostram o poder das estratégias de *perspectiva* no grau de engajamento do leitor/ouvinte em relação ao que é enunciado, sendo, pois, um dos ingredientes importantes da ativação de reações afetivas por meio do discurso. Cabem, contudo, ainda inúmeras pesquisas que consigam delinear os elementos que influenciam nessa interação e que a constituem.

### Considerações finais

O objetivo deste artigo foi apresentar uma reflexão acerca da base corporeada da cognição e de suas implicações para uma abordagem discursivo-textual da significação. Selecionaram-se para a discussão as noções de **perspectivação conceptual** e de conceptualização, como entendidas pela Linguística Cognitiva, e, na sequência, apresentou-se sua tipologia de operações, conforme proposta por Hart (2014), seguida de discussão teórica e exemplificação que elucidam, ainda que sinteticamente, parte das categorias, mostrando sua pertinência, aplicabilidade e possíveis ganhos analíticos no que se refere aos estudos do texto e do discurso.

No que tange ao corporeamento, argumentou-se que se trata de uma perspectiva de resistência em relação ao computacionalismo, que se baseia, dentre outras premissas, na ideia de que a cognição é situada, orientada para a ação e distribuída para o ambiente, enfatizando o caráter multimodal que embasa a percepção, a ação, a introspecção, a afeição e a significação.

Na sequência, defendeu-se a interrelação entre **perspectivação conceptual** e conceptualização, entendendo o primeiro como a estruturação semântica de uma experiência materializada no enunciado, e o segundo como o processo de (re)construção da significação, com base na relação entre as pistas que a linguagem oferece/dispõe e os processos dinâmicos de ativação de conhecimento enciclopédico, episódico, sensorio-motor e afetivo, que sustentam e possibilitam a produção e a interpretação.

Passou-se, então, a expor a tipologia de operações de **perspectivação conceptual**, com exemplificações analíticas das operações de **esquematisação, categorização, metaforização, focalização, quadro de visualização, granularidade e proximização**, orientadas para os estudos discursivo-textuais, realizando, assim, uma ponte entre a estruturação gramatical e os efeitos de sentido dela derivados.

Assim, espera-se que este artigo tenha possibilitado ao analista do discurso e ao linguista de texto uma visão de que é, sim, possível estudar cognição e linguagem, e que já existem ferramentas analíticas que permitem adentrar essa correlação, o que pode gerar ganhos teórico-metodológicos relevantes para a hipotetização dos efeitos de sentido e do processo de interpretação textual. Precisa-se ainda, contudo, de um maior volume de pesquisas que permita refinar as possibilidades de articulação e sistematizar as operações propostas, especialmente no que tange às especificidades do Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BARSALOU, Lawrence W. Perceptual symbol systems. **Behavioral and Brains Sciences**, 22, p. 577-660, 1999.

CAP, Piotr. **Proximization**: The pragmatics of symbolic distance crossing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013.

CAMERON, Lynne. A dynamic model of empathy and dyspathy. **Living with Uncertainty**. Working Paper 6. 2013. Disponível em: [www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/](http://www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/). Acesso em: 25 fev. 2015.

CHEMERO, Anthony. **Radical Embodied Cognitive Science**. Cambridge: The MIT Press, 2009.

CHILTON, Paul. **Analysing Political Discourse**: Theory and Practice. London: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. Missing links in mainstream CDA: Modules, blends and the critical instinct. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul (org.) **A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis**: Theory, Methodology and Interdisciplinarity. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 19-52.

\_\_\_\_\_. **Language, Space and Mind**: The Conceptual Geometry of Linguistic Meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

CIENKI, Alan. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAETS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 170-187.

CLARK, Andy. An embodied cognitive Science? **Trends Cogn. Sci.**, 3 (9), p. 345-351, 1999.

\_\_\_\_\_. **Supersizing the mind: Embodiment, Action, and Cognitive Extension**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

CROFT, William; CRUSE, Allan. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. William. **Verbs: Aspect and Causal Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da Anpoll**, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FALCONE, Karina. A legitimação e o processo de categorização social. **Veredas**, v. 15, n. 1, p. 16-31, 2011.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, estabilidade e dinamicidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**. Tese de Doutorado.

*A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141>

\_\_\_\_\_. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Veredas**, v. 18, n. 2, p. 32-50, 2014.

Paulo Roberto  
Gonçalves-  
Segundo

96

\_\_\_\_\_. A permeabilidade da Dinâmica de Forças: da gramática ao discurso. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; RESENDE, Briseida Dôgo; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (org.). **Linguagem e cognição**: Um diálogo interdisciplinar. Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2015, p. 163-185.

\_\_\_\_\_. Exclusão e inclusão na mídia paulista: uma análise cognitivo-retórica da construção dos rolezinhos na *Folha de S. Paulo*. In: AQUINO, Zilda; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (org.) **Estudos do discurso**: caminhos e tendências. São Paulo: Paulistana, 2016, p. 134-158.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; RIBEIRO, Rafaela Baracat. Envolvimento e empatia: a solidariedade construída nas colunas de aconselhamento em revistas. **Revista do GEL**, v. 13, n. 2, p. 211-236, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v13i2.835>

GRADY, Joseph E. Image schemas and perception: Refining a definition. In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. (org.) **From perception to meaning**: image schemas in Cognitive Linguistics. Berlin: Mouton De Gruyter, 2005, p. 35-55.

HART, Christopher. **Critical Discourse Analysis and Cognitive Science**: New Perspectives on Immigration Discourse. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

\_\_\_\_\_. Christopher. **Discourse, Grammar and Ideology**: Functional and Cognitive Perspectives. London: Bloomsbury, 2014.

HUBERT, Dalby Dienstbach. **Metaforicidade nos gêneros discursivos**: a natureza das metáforas e a sua relação com os tipos de discurso. Tese de Doutorado – Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niteóri, 2017.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages (Empirical approaches to Language Typology, 18). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. 2a. edição. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Ronald. **Investigations in cognitive grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara. Polysemy, Prototypes, and Radial Categories. In: GEERAETS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 139-169.

LINDBLOM, Jessica. **Embodied Social Cognition**. New York: Springer, 2015.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeamente constituída. **Alfa**: Revista de Linguística, v. 55, p. 225-248, 2011.

MANDLER, Jean Matter. **The Foundations of Mind**: Origins of Conceptual Thought. Oxford: Oxford University Press, 2004.

*A relevância  
da noção de  
perspectivação  
conceptual  
(construal)  
no âmbito  
dos estudos  
do texto e do  
discurso*

---

97

MORAIS, Argus Romero Abreu. **O pensamento inatingível: discurso, cognição e metáforas emergentes distribuídas**. Tese de doutoramento – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PALUMBO, Renata. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os Pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução de Greciely Costa e Débora Massman. Revisão da Tradução José Horta Nunes. Campinas-SP: Pontes, 2013.

PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa; FERREIRA, Luciane. **Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros**. In: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela (org.) **Cognição na linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 89-112.

ROSCH, Eleanor. Natural Categories. **Cognitive Psychology**, 4, p. 328-350, 1973.

SEMIN, Gün R.; SMITH, Eliot R. **Introducing Embodied Grounding**. In: SEMIN, Gün R.; SMITH, Eliot R. **Embodied Grounding: social, cognitive, affective, and neuroscientific approaches**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 01-05.

SILVA, Augusto Soares da. **Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística**. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 1, 1997, p. 59-101.

STEEN, Gerard. **The contemporary theory of metaphor – now new and improved!** **Review of Cognitive Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 26-64, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/rcl.9.1.03ste>

TALMY, Leonard. **Towards a Cognitive Semantics**. Vol. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

TENUTA, Adriana; LEPESQUER, Marcus. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 2, p. 65-81, 2011.

VAN DIJK, Teun A. **Ideología y Discurso**: uma introducción multidisciplinaria. Barcelona: Ariel, 2003.

\_\_\_\_\_. Teun A. **Discourse and Knowledge**: A Sociocognitive Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição** n. 41, p. 199-212, 2010.

\_\_\_\_\_. Solange. “Metáfora é que nem...”: Cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, v. 38, n 65, p. 02-21, 2013.

WEISS, Winola. Proximização e discurso de ódio: homofobia em *Casos de família*. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto et al. (org.) **Texto, discurso e multimodalidade**: perspectivas atuais. São Paulo: Paulistana, 2017, p. 370-382

WILSON, Margaret. Six views of embodied cognition. **Psychonomic Bulletin & Review**, 9 (4), p. 625-636, 2002.

*A relevância  
da noção de  
perspectivação  
conceptual  
(construal)  
no âmbito  
dos estudos  
do texto e do  
discurso*

---

99

## Anexos

### Anexo I – Campanha contra a Dengue (Estado do Mato Grosso, 2009)

Paulo Roberto  
Gonçalves-  
Segundo

100



Fonte: <http://casadeimagens.blogspot.com.br/2009/11/campanha-mt-contradengue.html>

Recebido em 06 de março de 2017.

Aceito em 05 de maio de 2017.